

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

SHAYENY SILVA ABREU

**RACISMO NA MODA E A PRESSÃO ESTÉTICA:
A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS E SEUS ESTILOS DE EXPRESSÃO**

GOIÂNIA

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Shayeny Silva Abreu

Título do trabalho: Racismo na moda e a pressão estética: a representatividade de mulheres negras e seus estilos de expressão.

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Marina Carmello Cunha, Professor do Magistério Superior**, em 18/11/2025, às 12:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Shayeny Silva Abreu, Discente**, em 18/11/2025, às 18:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5767972** e o código CRC **2CECFC05**.

SHAYENY SILVA ABREU

**RACISMO NA MODA E A PRESSÃO ESTÉTICA:
A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS E SEUS ESTILOS DE EXPRESSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás como requisito para a obtenção do título de Bacharel(a) em Design de Moda.

Orientadora: Profa. Dra Marina Carmello Cunha

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva Abreu, Shayeny
RACISMO NA MODA E A PRESSÃO ESTÉTICA [manuscrito] : A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS E SEUS ESTILOS DE EXPRESSÃO / Shayeny Silva Abreu. - 2025.
51 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Marina Carmello Cunha.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), , Cidade de Goiás, 2025.

Bibliografia. Anexos.
Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Moda. 2. Estereótipo. 3. Racismo. 4. Mulheres. 5. Negritude. I. Carmello Cunha, Marina , orient. II. Título.

CDU 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e cinco dias do mês de novembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Racismo na moda e a pressão estética: a representatividade de mulheres negras e seus estilos de expressão”, de autoria de Shayeny Silva Abreu, do curso de Design de Moda, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.^a Dr.^a Marina Carmello Cunha - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof. Dr. Adair Marques Filho (FAV/UFG) e prof.^a Ms.^a Rayani Rodrigues Melo (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **9,0 (nove)**, tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Marina Carmello Cunha, Professor do Magistério Superior**, em 26/11/2025, às 13:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adair Marques Filho, Professor do Magistério Superior**, em 26/11/2025, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rayani Rodrigues Melo, Professora do Magistério Superior-Substituta**, em 27/11/2025, às 08:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5767973** e o código CRC **78B8E99F**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda garotinha negra que, assim como eu, um dia sonhou com o mundo da moda, mas não se sentiu incluída nele.

Dedico àquelas que admiravam as passarelas, mas não conseguiam se reconhecer nelas; às que amavam consumir moda em blogs, revistas ou na televisão, mas não entendiam por que nunca encontravam rostos semelhantes aos seus e, por isso, acreditavam que aquele lugar não lhes pertencia.

Dedico também a cada menina negra que um dia acreditou que algum estilo, roupa, acessório ou algum espaço dentro da moda não lhe pertencia, seja por comentários, olhares ou pela ausência de representatividade. Pois a limitação nunca veio de dentro, mas de um mundo racista que insiste em determinar qual lugar elas podem pertencer.

Que este trabalho seja um lembrete de que a moda é resistência e política, e que, quando mulheres negras ocupam um espaço que historicamente não foi feito para elas, elas têm o poder de transformar trajetórias e escrever novas narrativas.

Que todas as meninas negras que sonham em ingressar no mundo da moda possam entender que é possível, que há espaço, que há caminho, e que a moda é, sim, para todas nós.

AGRADECIMENTOS

Quando se é uma jovem de classe baixa que trabalha e estuda, o apoio das pessoas ao redor é fundamental. E eu, graças a Deus, fui abençoada com pessoas boas que cruzaram meu caminho.

Agradeço à minha mãe, Sirlene da Silva, que sempre cuidou de mim e fez tudo o que podia para que eu chegasse até aqui. Você é a minha maior base, o meu maior exemplo, e tudo o que eu já fiz só foi possível porque você sempre foi o meu porto seguro.

Mãe, obrigada por me permitir seguir meus próprios caminhos, mesmo quando isso era difícil de entender. Ainda assim, você acreditou em mim, esteve ao meu lado e se dedicou para que eu realizasse meus sonhos. Nada disso seria possível sem você.

À minha irmã, Suellem Silva, pela preocupação constante e por todo o cuidado: desde me esperar chegar em casa para garantir que eu estivesse segura até preparar minhas marmitas diárias com tanto carinho. Junto dela, agradeço também ao meu cunhado, pelo apoio contínuo.

Ao meu irmão, Paulo Ricardo, por nunca deixar de perguntar se eu estava bem ou se precisava de algo, sempre demonstrando cuidado e prontidão.

Às minhas amigas Karina Souza e Maria Eduarda Silva, obrigada por acreditarem em mim, vibrarem por cada passo que eu dou. Vocês me fazem sentir capaz.

Aos meus amigos Ricardo e Kalebe: Ricardo, eu nunca tinha pensado na Moda como uma opção — até que você apareceu dizendo que era a minha cara e que eu tinha tudo a ver com isso. Quando você falou isso, o meu mundo simplesmente abriu e, mesmo com incertezas, eu soube, naquele momento, que precisava cursar Moda. Obrigada por isso. Kalebe, obrigada por tantas companhias até em casa, por ser um bom ouvinte e por estar lá por mim sempre que eu precisei.

Agradeço também aos amigos que a faculdade me deu: Larah Anne, Marcos Gomes, Marianny Sena e João Vitor Honorato. Estivemos juntos em tudo — nas risadas, nos choros, nas raivas e nos desafios. E, mesmo assim, nunca soltamos a mão um do outro. Obrigada por tornarem essa caminhada menos solitária.

Ao meu amigo que a vida me deu, Levi Santana, obrigada por participar de todos os meus projetos da faculdade. Você sempre me ajudou sem pedir nada em troca e sempre entregou resultados incríveis. Não poderia ter pedido um amigo melhor para embarcar nessa jornada comigo.

Quero agradecer a todos os meus professores, que contribuíram para que eu chegasse até aqui. Em especial, agradeço ao professor Quefrén Crillanovick, que não permitiu que eu desistisse do meu tema e fez com que eu voltasse a acreditar nele, incentivando-me e ajudando a compreender sua importância.

À minha orientadora, Marina Carmello, agradeço por ter me acompanhado em todo o processo e por torná-lo mais leve. Graças ao seu apoio e orientação, consegui chegar até aqui e entregar um bom trabalho. Sou profundamente grata por acreditar no meu tema, por embarcar nesta pesquisa comigo e por não medir esforços para que eu desenvolvesse uma pesquisa consistente e significativa. Eu não poderia ter escolhido uma orientadora melhor, e agradeço por ter me escolhido de volta. Serei eternamente grata por tudo o que fez por mim.

Agradeço também aos professores Adair Marques e Gisele Costa, que contribuíram significativamente para o aprimoramento deste trabalho, oferecendo orientação, sugestões e apontamentos que me ajudaram a melhorar e aprofundar minha pesquisa.

Agradeço também à Rayani Melo, por aceitar compor a minha banca e dedicar seu tempo a este trabalho. Obrigada pela disponibilidade, pela atenção e por contribuir para que esta etapa final seja ainda mais especial.

Estendo meus agradecimentos às entrevistadas, que gentilmente dedicaram seu tempo para participar da pesquisa, enriquecendo este estudo com suas experiências e vozes.

E, acima de tudo, agradeço a Deus, por ter me permitido chegar até aqui. Sem Ele, nada disso seria possível. Foi Ele quem me sustentou quando eu achei que não tinha mais forças, quem iluminou meus caminhos quando tudo parecia incerto e quem me mostrou que, mesmo nos dias mais difíceis, eu nunca estive sozinha. Cada porta que se abriu, cada pessoa que encontrei, cada vitória foi guiada pela Sua mão.

RESUMO

A moda, enquanto expressão cultural e social, tem o poder de comunicar identidades, valores e pertencimentos. No entanto, para mulheres negras, esse espaço muitas vezes se revela limitado por estereótipos que condicionam e restringem suas possibilidades de expressão. A falta de representatividade e a imposição de padrões eurocêntricos contribuem para a manutenção de um racismo estrutural que marginaliza corpos e estéticas negras, afetando diretamente a construção da identidade e da autoestima. Diante desse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar de que forma o racismo estrutural e a pressão estética interferem na representatividade e na liberdade estética de mulheres negras. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi desenvolvida a partir de uma fundamentação teórica com autoras como bell hooks e Carol Barreto, além de entrevistas com mulheres negras da geração Z (18 à 27 anos), que compartilharam suas vivências sobre estilo, pertencimento e autoexpressão. Os resultados evidenciam que o medo do julgamento e o desejo de aceitação ainda influenciam as escolhas estéticas dessas mulheres, revelando tanto os impactos do racismo quanto as estratégias de resistência presentes em suas formas de vestir. Conclui-se que, apesar das barreiras impostas, a moda também se configura como um espaço de reconstrução identitária e afirmação, reafirmando a importância de uma moda mais inclusiva, plural e livre de padrões.

Palavras-chave: Moda, Estereótipo, Racismo, Mulheres, Negritude.

ABSTRACT

Fashion, as a cultural and social expression, holds the power to communicate identities, values, and belonging. However, for Black women, this space often becomes limited by stereotypes that shape and restrict their possibilities of expression. The lack of representation and the imposition of Eurocentric beauty standards contribute to the maintenance of structural racism, which marginalizes Black bodies and aesthetics, directly affecting identity formation and self-esteem. Given this context, this study aims to analyze how structural racism and aesthetic pressure interfere with representation and with the aesthetic freedom of Black women. This qualitative research was developed based on theoretical contributions from authors such as bell hooks and Carol Barreto, as well as interviews with Black women from Generation Z (ages 18–27), who shared their experiences regarding style, belonging, and self-expression. The results highlight that the fear of judgment and the desire for acceptance still influence the aesthetic choices of these women, revealing both the impacts of racism and the strategies of resistance present in their ways of dressing. The study concludes that, despite the barriers imposed, fashion also emerges as a space for identity reconstruction and affirmation, reinforcing the importance of a more inclusive fashion system — one that is plural and free from limiting standards.

Keywords: Fashion; Stereotype; Racism; Black Women; Blackness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. ESTÉTICA, IDENTIDADE E REPRESENTATIVIDADE	15
1.1 O papel da mídia e das redes sociais na pressão estética sobre mulheres negras.....	15
1.2 A construção do padrão eurocêntrico e a exclusão de corpos negros na indústria da moda.....	22
1.3 A importância da representatividade na autoestima e na construção da identidade.....	23
2. ESTILOS DE EXPRESSÃO DE MULHERES NEGRAS	26
2.1 Moda como resistência e afirmação.....	26
2.2 Referências culturais e ancestralidade na forma de vestir.....	28
2.3 Estética afrocentrada: liberdade ou obrigação estética?.....	31
3. ESTUDO DE CASO: OS CONFLITOS INTERNOS DA REPRESENTATIVIDADE E A PRESSÃO ESTÉTICA	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
ANEXO A - QUESTIONÁRIO	51

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Personagem Aisha na 2ª temporada. p. 20
- Figura 2 – Figura 2: Personagem Aisha na 8ª temporada. p.20
- Figura 3 – Personagem Laranjinha nos anos 2000. p.21
- Figura 4 – Personagem Laranjinha em 2010. p.21
- Figura 5 – Personagem Laranjinha nos anos 2025. p.21
- Figura 6 – Tecidos. p.29
- Figura 7 – Black Power. p.29
- Figura 8 – Penteado Bantu Knots. p.29
- Figura 9 –Turbante. p.29

INTRODUÇÃO

Este estudo analisa o impacto do racismo estrutural na moda e na construção do estilo pessoal de mulheres negras, partindo da necessidade de compreender as dinâmicas de exclusão e resistência em um espaço historicamente regido por padrões estéticos eurocêntricos. A indústria da moda, assim como outros setores culturais, tem historicamente silenciado e marginalizado as experiências e os corpos das mulheres negras, impondo uma visão distorcida e estereotipada de suas identidades. Esse fenômeno é perceptível não apenas nas passarelas e campanhas publicitárias, mas também nas redes sociais, que atualmente desempenham um papel central na formação de tendências e no consumo de moda.

Ao tentar se libertar dos padrões impostos, as mulheres negras frequentemente enfrentam críticas que sugerem que estão desvalorizando suas próprias culturas. Tal postura reflete o racismo presente na sociedade, em que a expressão da identidade negra é muitas vezes observada com desconfiança ou limitada a certos estereótipos. Essa imposição de um modelo único de beleza e estilo restringe a liberdade de expressão individual e ignora a pluralidade e a riqueza das culturas negras, criando um ambiente onde qualquer tentativa de inovação estética é condenada.

Dessa forma, esta pesquisa se justifica pela urgência em discutir e problematizar como esses padrões são formados e reforçados, contribuindo para a exclusão de mulheres negras e para a limitação de seus estilos pessoais. Compreender essa dinâmica é fundamental para promover uma moda mais inclusiva e diversa, na qual todas as identidades possam ser valorizadas e representadas de forma autêntica, sem as limitações impostas por normas raciais. O estudo busca, portanto, destacar a importância de construir uma estética negra autêntica e empoderadora, desafiando os padrões dominantes e ampliando os espaços de visibilidade e expressão das mulheres negras na moda.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com o objetivo de compreender como o racismo estrutural e a

pressão estética influenciam a representatividade e a liberdade estética de mulheres negras no contexto da moda. O foco recai sobre mulheres negras jovens da geração Z, entre 18 e 27 anos, faixa etária marcada por intensas transformações identitárias e pela forte influência das redes sociais. Dessa forma, o estudo busca compreender de que maneira o racismo estrutural continua a impactar essas mulheres em seu processo de formação identitária dentro da moda, considerando também o papel das mídias digitais nesse cenário. A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e análise de conteúdo das entrevistas realizadas.

O trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro apresenta o embasamento teórico, discutindo o racismo estrutural, a representatividade e a influência dos padrões eurocêntricos na construção da estética negra. O segundo capítulo analisa a relação entre moda, mídia e pressão estética, abordando como esses espaços reproduzem estereótipos e limitam a presença de mulheres negras. Já o terceiro capítulo apresenta a pesquisa de campo, com base nas entrevistas realizadas, buscando compreender de que maneira o racismo e a pressão estética influenciam a construção do estilo pessoal e da identidade dessas mulheres. Por meio dessa estrutura, o estudo pretende contribuir para o debate sobre uma moda mais inclusiva, diversa e representativa.

1. ESTÉTICA, IDENTIDADE E REPRESENTATIVIDADE

1.1 O papel da mídia e das redes sociais na pressão estética sobre mulheres negras

O padrão eurocêntrico está presente desde a infância na construção da identidade das meninas negras, começando pelo momento em que a boneca mais popular é a Barbie (Cechin; Silva, 2012). Quase toda menina já sonhou ou teve uma boneca Barbie, e com isso desejou ser como ela. Mas, quando você é uma menina negra, como pode se espelhar em uma boneca que foge totalmente dos seus padrões? Afinal, a Barbie representa exatamente o padrão que não conseguimos seguir: sua pele alva como a neve, cabelos lisos e loiros, olhos azuis e seus traços finos.

As bonecas podem parecer, a princípio, objetos inocentes destinados às crianças. Contudo, estão imersas nas relações de poder, apresentando discursos implícitos à sua materialidade do que é bom, agradável, normal e verdadeiro para a cultura hegemônica. As bonecas apresentam muito dessa cultura e do padrão de beleza eurocêntrico: pele branca e olhos claros, corpo magro e cabelo claro e liso, o que ensina a supremacia de um corpo, raça e modo de ser (Cechin; Silva, 2012, p.19).

A Barbie continua sendo um padrão para as meninas desde seu lançamento, em 1959, e segue como a boneca mais famosa do mundo até hoje (Cechin; Silva, 2012). Esse cenário conecta-se ao conceito de pressão estética, que se baseia em padrões de beleza e de comportamento excludentes, gerando cobranças constantes para que mulheres se adequem a um ideal quase inatingível. No caso das mulheres negras, essa pressão surge de forma ainda mais intensa, pois, além das expectativas gerais impostas às mulheres, elas enfrentam também o peso do racismo estrutural, que desvaloriza seus traços, corpos e estilos, reforçando a ideia de que precisam se afastar de suas características para serem aceitas socialmente (Barreto, 2024).

Falando ainda da infância dessas meninas negras e da importância da Barbie na construção da identidade, observa-se que, na história da Mattel, que é considerada a maior fábrica de brinquedos do mundo, apenas em 1967 foi inserida uma boneca negra, denominada Francie, apresentada como amiga da Barbie (Cechin; Silva, 2012, p.14). Essa personagem, contudo, não era um símbolo de representatividade, já que as meninas ainda não conseguiam se identificar, pois suas características continuavam originadas da Barbie padrão,

com traços finos, alterando-se apenas a cor do plástico. Segundo Cechin e Silva, embora a Mattel ganhasse notoriedade no mercado ao alegar apoiar a diversidade étnica, na realidade apenas reafirmava padrões homogêneos, mantendo a Barbie original sempre no centro, através de seus traços.

O sucesso da boneca Barbie e sua permanência no mercado se devem também pela representação de diferentes raças e etnias. As amigas da Barbie mostram que a emergência de bonecas negras não advém de uma preocupação em respeitar a diversidade, mas da expansão das vendas proporcionadas por essas novas bonecas. Reforçam a supremacia das características hegemônicas, uma vez que seus corpos plásticos são apenas pintados de negro. As representações das características fenotípicas permanecem as mesmas: os longos cabelos lisos, o nariz fino, os lábios e a cor dos olhos (SCHWARZ, 2006; TERRENÉE, 2008). A boneca loira continua sendo o padrão de beleza na qual as outras são fabricadas (Cechin; Silva, 2012, p.18).

Conforme crescemos, percebemos que os filmes adolescentes representam e reforçam a estética da Barbie, trazendo a ideia do estilo de garota patricinha, associada a um ideal de feminilidade e perfeição visual. Essa estética se manifesta em personagens que pertencem a uma classe social mais elevada e que apresentam uma aparência delicada, marcada pelo cuidado extremo com a imagem. São garotas normalmente com cabelos lisos ou levemente ondulados, maquiagem leve e roupas em tons suaves como rosa, branco e nude, elementos que reforçam uma noção de feminilidade e delicadeza padronizada. Sendo, essas personagens frequentemente retratadas como brancas, magras, de olhos claros e loiras, o que evidencia a predominância de um padrão eurocêntrico de beleza. Filmes como *As Patricinhas de Beverly Hills* (Heckerling, 1995), *As Apimentadas* (Reed, 2000), *Meninas Malvadas* (Waters, 2004) e *Legalmente Loira* (Lucketic, 2001) são exemplos disso, pois foram produções que marcaram muitas adolescentes dos anos 2000, sendo conhecidas como clássicos do gênero. Além de abordarem temas como moda, autocuidado e vaidade, essas obras consolidam um imaginário em que as protagonistas se tornam a idealização de feminilidade e sucesso para muitas jovens espectadoras, por serem representadas nos filmes como o ideal de beleza. Essas produções marcaram uma geração e, em grande parte, serviram como referência aspiracional para meninas entre 18 e 27 anos.

Ao observarmos que as representantes dessa estética patricinha, que na maioria das vezes são as protagonistas desses filmes, compartilham características físicas semelhantes: em sua maioria, são brancas, loiras, de cabelos lisos e traços finos, o que se distancia completamente das características de pessoas negras, quase como se reforçasse a ideia de que elas não podem seguir ou pertencer a essa estética. Quando há a inserção de personagens negras, estas geralmente ocupam papéis secundários, muitas vezes como melhores amigas da protagonista. Essa dinâmica evidencia um processo de exclusão simbólica, no qual a centralidade da narrativa permanece atrelada a corpos e estéticas que reforçam o padrão eurocêntrico de beleza (Cechin; Silva, 2012)

A jornalista Ana Paula Barbosa aborda esse tema em um de seus vídeos nas redes sociais, em seu projeto intitulado *Narrativa Feminina*. Ela cita o estereótipo presente no cinema da melhor amiga negra e da personagem principal branca, em que a personagem da melhor amiga existe apenas com a função de apoiar o protagonista branco, estando sempre em segundo plano e servindo de suporte. Há situações ainda em que vemos a personagem negra sendo retratada em uma relação afetiva temporária e usada para desenvolver o personagem principal até que ele esteja pronto para viver seu verdadeiro amor, que na maioria das vezes, é com uma personagem branca. Esse estereótipo já é bastante conhecido nos cinemas e, segundo Ana Paula, ficou conhecido pelo termo em inglês *The Disposable Black Girlfriend*, utilizado pela primeira vez pela escritora e jornalista Yomi Adegoke. A tradução em português seria *A Namorada Negra Descartável* (narrativafeminina, 2025).

Ana Paula Barbosa destaca que nem sempre essa personagem negra é mal escrita, mas que ela está presente justamente para desempenhar um único papel na narrativa, servindo como uma espécie de cota de diversidade. Assim que cumpre sua função de preparar o personagem branco para viver esse amor, ela desaparece de alguma forma da trama (narrativafeminina, 2025).

Por fim, Ana Paula Barbosa conclui o vídeo afirmando que esse estereótipo tem raízes em outros estereótipos históricos que desumanizam

mulheres negras e sua sexualidade, fazendo parecer que elas não são dignas de viver um romance (narrativa feminina, 2025).

Esse fenômeno guarda paralelos com o que ocorreu nas franquias da Barbie, em que bonecas negras ou com outros traços étnicos foram, por muito tempo, relegadas ao papel de personagens coadjuvantes, seja como amigas da Barbie ou em edições especiais para colecionadores. Somente em 1980 esse cenário começou a se modificar (Cechin; Silva, 2012, p. 14-15).

Nos filmes adolescentes mais recentes, como *Duff: Você Conhece, Tem ou É* (Sandel, 2015), *A Barraca do Beijo* (Marcello, 2018) e *After* (Gage, 2019), nota-se uma tentativa de ampliar a diversidade das protagonistas, que já não se enquadram estritamente no estereótipo da patricinha citado anteriormente. Ainda assim, observa-se a manutenção de um padrão, pois continuam sendo majoritariamente brancas. A diferença reside no fato de que essas personagens passam a ser apresentadas como jovens comuns ou inteligentes, mas sem romper, de fato, com o imaginário de branquitude associado ao protagonismo feminino.

Isso evidencia que meninas negras ainda encontram grande dificuldade em ter representatividade nas telas, havendo, nessa categoria das patricinhas citada antes, apenas algumas exceções. Podemos pegar de referências as protagonistas de algumas produções que se destacam como *Amor de Aluguel* (Alves, 2003), séries de comédia como *Eu, a Patroa e as Crianças* (Wayans; Winter, 2001) e *Um Maluco no Pedacão* (Borowitz; Borowitz, 1990). Em produções mais recentes podemos citar *Harlem* (Oliver, 2021) e *Grown-ish* (Barris; Ruggiero, 2018), entre outras que vem surgindo com o elenco majoritariamente negro, no entanto, ainda são minoria entre tantas produções lançadas anualmente.

Essa ausência de representatividade não se restringe aos filmes, mas também se estende à literatura e aos desenhos animados. Como afirmam Sousa e Silva,

A pouquíssima representatividade negra na literatura infantil faz com que os(as) negros(as) deixem de se orgulhar de suas raízes, não conseguindo se encaixar na sua cultura e acreditando que devem se inserir no padrão social racista e preconceituoso que reverbera em nossa sociedade (Sousa; Silva, 2023, p. 4).

Em desenhos animados que se intitulam como desenhos para meninas, podemos citar alguns exemplos, como: *Moranginho* (Dic Entertainment, 1979), *Monster High* (Sander, 2010), *Três Espiãs Demais* (Chalvon-Demersay; Michel, 2001) e *Winx Club* (Straffi, 2004).

A maioria desses desenhos é composto por personagens brancos e, quando há uma personagem negra, é comum que ela sofra uma tentativa de embranquecimento em algum momento. Pode-se citar, por exemplo, a Aisha, personagem de *Winx*, e a Laranjinha, de *Moranginho*. Ambas as personagens são negras e representam um papel importante de representatividade para meninas pretas, mas ainda assim sofreram alterações em sua aparência ao longo das edições, numa tentativa de embranquecimento.

Começando pela Aisha, que foi incluída na segunda temporada de *Winx*, sendo a única personagem negra do grupo de seis garotas (Figura 1). Aisha sempre foi retratada com olhos castanho-escuros, cabelos cacheados castanho-escuros e pele escura. No entanto, a partir da 7ª e 8ª temporadas, sua aparência sofreu mudanças: seus cabelos, antes cacheados, passaram a ser ondulados, e sua pele, que era um tom mais escuro, ficou em um tom mais claro, finalizando assim a série (Figura 2).

Figura 1: Personagem Aisha na 2ª temporada

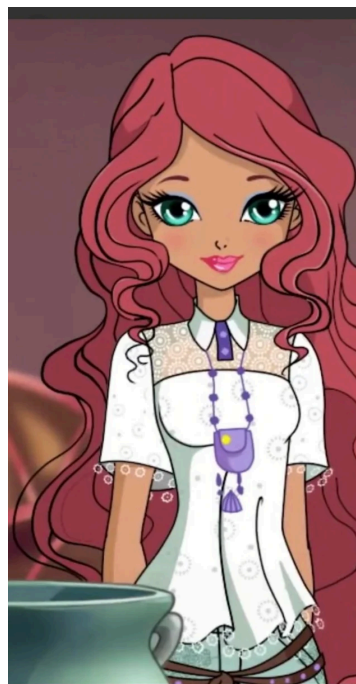


FONTE: Site Winx Fandom.

Disponível em:

https://winx.fandom.com/pt/wiki/Layla?file=Layla_Charmix.png. Acesso em: 04 de junho de 2025.

Figura 2: Personagem Aisha na 8ª temporada



Fonte: Reddit. Disponível em:

https://www.reddit.com/r/winxclub/comments/ygxvd5/here_is_aisha_in_the_season_8_episodes_what_do/?t=pt-br. Acesso em: 04 de junho de 2025.

Falando agora da Laranjinha, personagem de Moranguinho, inicialmente ela tinha a pele mais clara, mas nos anos 2000 se tornou uma personagem preta, com pele retinta e cabelos crespos. Já em 2010, Laranjinha ganhou uma nova versão, onde seus cabelos, antes crespos, passaram a ser ondulados, e sua pele também ficou mais clara, uma das justificativas usada para o seu cabelo deixar de ser crespo é o estilo de animação 3d que impossibilita fazer o cabelo crespo, mas isso não justifica o clareamento de sua pele. Nas versões mais atuais Laranjinha volta a ter cabelo crespo e pele retinta, lembrando mais seu visual dos anos 2000 e recuperando um papel importante de representatividade para meninas negras.

Figura 3: Personagem Laranjinha nos anos 2000.



FONTE: Site TikTok.
Disponível em:

https://www.tiktok.com/login?redirect_url=https%3A%2F%2Fwww.tiktok.com%2F%40sopaiv%2Fvideo%2F7098445648596389125&lang=en&enter_method=mandatory.

Acesso em: 04 de junho de 2025.

Figura 4: Personagem Laranjinha em 2010.



FONTE: Site TikTok.
Disponível em:

https://www.tiktok.com/login?redirect_url=https%3A%2F%2Fwww.tiktok.com%2F%40sopaiv%2Fvideo%2F7098445648596389125&lang=en&enter_method=mandatory.

Acesso em: 04 de junho de 2025.

Figura 5: Personagem Laranjinha nos anos 2025.



FONTE: Site TikTok.
Disponível em:

https://www.tiktok.com/login?redirect_url=https%3A%2F%2Fwww.tiktok.com%2F%40sopaiv%2Fvideo%2F7098445648596389125&lang=en&enter_method=mandatory.

Acesso em: 04 de junho de 2025.

Além disso, grande parte da representatividade social das mulheres negras na mídia ainda está associada à objetificação de seus corpos, onde sua beleza e traços são anulados, restando apenas o corpo como algo explorável (Carvalho Barbosa, 2020). Essa sexualização é um resquício direto da época escravocrata (Bastone, 2022, p. 3), período que durou mais de três séculos, em que mulheres negras eram comercializadas e violentadas sexualmente para satisfazer o prazer e trabalhar para o homem branco. Essa sexualização e desvalorização de seus traços ainda acontecem, mas agora de forma mais sutil — essas violências se mantêm disfarçadas e naturalizadas.

Essa discriminação, muitas vezes mascaradas, afeta profundamente a autoestima de muitas mulheres negras ao longo da vida. Por se manifestar de maneira velada em diversos momentos — inclusive na moda e no consumo —,

muitas vezes torna-se difícil de identificar, até mesmo pelas próprias vítimas, o por que aquela situação, fala ou atitude é errada. O que torna complicado para elas apontar, falar e entender essa sensação. Como mostra o artigo *Percepções de mulheres negras como vendedoras em lojas de luxo*, as micro agressões raciais veladas ocorrem de forma discreta e são frequentemente amenizadas ou desconsideradas pela sociedade. Isso faz com que muitas mulheres questionem suas próprias experiências, duvidando daquilo que vivenciaram. Uma das entrevistadas relata: “Às vezes [é] tão sutil. E aí é na sutileza que machuca mais, porque fica ali nas entrelinhas, né?” (Araujo; Cerqueira, 2025, p. 9).

Esse racismo, muitas das vezes, também vem de forma recreativa e destrói a autoestima dessas mulheres. Carol Barreto, em seu livro *Modativismo*, fala do racismo recreativo no campo da comunicação televisiva, onde ela aponta uma contribuição para inferiorizar as características físicas e comportamentais de pessoas negras, sendo então uma forte fonte para criar desigualdade entre pessoas negras e brancas. Sendo assim, as características fenotípicas de pessoas brancas são consideradas o ideal de beleza e associadas ao autocuidado, enquanto as características de pessoas negras são motivo de chacota e entretenimento (Barreto, 2024, p. 19).

1.2. A construção do padrão eurocêntrico e a exclusão de corpos negros na indústria da moda

Muitas marcas de roupas e desfiles de moda ainda resistem em trabalhar com modelos negras, justificando que elas não são vendáveis ou que não se encaixam no perfil da marca. Esse tipo de exclusão reforça estereótipos raciais e contribui para o apagamento da presença negra na moda, afastando mulheres negras das mídias e restringindo suas possibilidades de representatividade e protagonismo (Laia, 2023). A exclusão de corpos negros dentro do mercado da moda é algo discutido por Maria Medeiros em seu artigo *Favela é moda: Quando existências periféricas adentram o mundo da moda*. Medeiros descreve a criação da agência de modelos Jacaré Moda, fundada

com o propósito de democratizar o acesso ao mundo da moda para jovens da periferia do Rio de Janeiro, evidenciando a defasagem de representatividade no setor. A Jacaré Moda adota o conceito de “moda da resistência”, valorizando a identidade periférica e a diversidade. Além de agenciar modelos, a agência oferece cursos e formações, promovendo o empoderamento e a autoestima dos jovens da comunidade.

A moda, que muitas vezes poderia ser um canal para derrubar essas barreiras, acaba apenas reforçando esse cenário, em geral. A partir de uma análise bibliométrica¹ da representatividade feminina negra em renomadas revistas brasileiras de moda, constatou-se que, de 182 edições lançadas, apenas 43 tiveram modelos negras como capa (Santos et al., 2020). Esses dados levantados em revistas de moda brasileira nos fazem questionar por que mais de 50% dos brasileiros se identificam como negros e pardos e apenas essa pequena quantidade é representada na mídia. Pois então, qual é o lugar dessas pessoas, se não é nas revistas? Afinal, o símbolo de beleza ainda é representado por pessoas brancas, mesmo o Brasil sendo um país tão plural em diversidade (Barreto, 2024).

1.3. A importância da representatividade na autoestima e na construção da identidade

No artigo *Raça e representação no pensamento de bell hooks*, a autora cita como a forma de questionar e modificar a representatividade que a mídia oferece é importante para a construção de como o corpo negro se vê e é visto.

Segundo bell hooks (2019a), é fundamental que, além de se questionarem os padrões e representações de imagens, busque-se modificá-las, uma vez que, à medida que essas representações são modificadas, o corpo negro consegue modificar a forma como se vê e como é visto (Bastone, 2022, p.2).

Dando continuidade a essa reflexão, a autora afirma que o núcleo familiar tem enorme importância para a autoestima e aceitação dos traços pelas meninas negras. Esse cuidado, assim como o sentimento de

¹ A análise bibliométrica é um método quantitativo de pesquisa que utiliza dados de publicações científicas (como número de artigos, citações, autores e palavras-chave) para mapear e avaliar a produção acadêmica sobre um determinado tema.

ancestralidade, é transmitido de avó para mãe e de mãe para filha. Além da família, a construção de uma rede de apoio com amigos e comunidade também é fundamental (Bastone, 2022, p. 5).

Muitas mulheres negras, ao não se verem representadas nas mídias televisivas ou nas redes sociais, precisam buscar formas e espaços de apoio que contribuam para a construção de sua identidade. Essa rede, muitas vezes, é formada por meio de amizades com outras meninas negras. Nas redes sociais, discute-se frequentemente a importância de que pessoas negras consumam conteúdos produzidos por pessoas negras e se cerquem de amizades negras.

Em sua obra, bell hooks afirma que o racismo e o sexismo estão interligados. Essa intersecção pode ser percebida nas representações midiáticas, que frequentemente colocam a mulher negra em posição inferior à mulher branca. A mulher negra é retratada de forma estereotipada e, em determinados contextos, pode acabar internalizando essa inferiorização, acreditando que não é digna de ocupar certos espaços de poder (Bastone, 2022, p. 2). É justamente nesse ponto que se torna ainda mais importante ter amigas negras e consumir conteúdos produzidos por pessoas negras: para fortalecer a autoestima, a identidade e a consciência crítica.

Cercar-se de outras mulheres negras é um passo fundamental para a construção da autoestima, pois é nesse momento que se rompe com a comparação a padrões inalcançáveis — padrões eurocêntricos — e se deixa de sentir inferior ou fora do lugar. A partir disso, começa-se a enxergar beleza em si mesma e a compreender que nunca se foi feia; apenas se estava tentando alcançar um padrão que nunca foi feito para valorizar mulheres negras. Como canta Duquesa em *Taurus* (2022): “No meu bonde ninguém paga pau pra Kylie Jenner / Ela quer comprar tudo que já nasceu com a gente”; e como reforçam Tasha & Tracie na música *Amarrou* (2021): “D-d-d-drip de negona / Nasci com a boca que elas compra / Cacho de colombiana / Unha de brasileirinha / Aquilo que em você não brilha”². Essa afirmação é um exemplo

² Duquesa é uma rapper e cantora brasileira conhecida por inspirar mulheres negras através das músicas ressaltando a estética, moda e traços negros. Tasha e Tracie são irmãs gêmeas, rappers e empreendedoras, referências na cena musical e fashion urbana brasileira,

de resistência e reafirmação da identidade negra, destacando que a estética negra não deve ser moldada para agradar olhares alheios, mas sim valorizada como expressão legítima de beleza e poder assim ver beleza nos nossos e não apenas no que é imposto para gente vindo de padrões eurocêntricos.

Portanto, representatividade não é apenas ocupar espaços — é criar espaços em que mulheres negras possam se reconhecer, construir narrativas próprias e se fortalecer. Quando elas se cercam de outras que compartilham de suas vivências, rompem com o ciclo de exclusão impostos pelo racismo e reafirmam sua existência. Essa conexão e exposição é importante também para que se sintam acolhidas e seguras, vendo que tem uma comunidade que é igual ela ou que a apoia, isso faz com que fiquem mais fortes e mais livres para serem o que querem ser.

destacando a estética negra e o protagonismo feminino. Kylie Jenner citada na música Taurus de Duquesa é uma empresária e influenciadora digital estadunidense, mundialmente conhecida por seu impacto nas tendências de beleza e consumo, sendo associada a padrões estéticos eurocêntricos amplamente reproduzidos na mídia. A letra critica a apropriação cultural e estética de características negras por celebridades brancas como Kylie Jenner, que se tornam referência ao reproduzirem traços e estilos historicamente marginalizados quando vindos de pessoas negras.

2. ESTILOS DE EXPRESSÃO DE MULHERES NEGRAS

2.1 Moda como resistência e afirmação

A moda, para mulheres negras, vai muito além da estética: ela se configura como uma ferramenta de resistência frente ao racismo e aos padrões eurocêntricos de beleza. Como afirma Barreto (2022) em *Modativismo*, historicamente a moda foi, para muitas mulheres negras, um recurso utilizado na tentativa de se adequar às normas sociais impostas, buscando alcançar a chamada passabilidade — ou seja, tornar-se mais aceitável dentro de uma sociedade estruturada pelo racismo.

Como já discutimos, para mulheres negras a moda carrega historicamente o significado de exclusão e de subalternidade e produção de estereótipos. Por muito tempo as escolhas visuais para nós foram um meio de construção de identidade, uma forma de concretizar a passabilidade branca e de se moldar estrategicamente ao padrão imposto pela violência racista (Barreto, 2022, p. 30).

No entanto, esse cenário vem sendo resignificado. A autora destaca como, na contemporaneidade, a moda tem sido revisitada como uma prática de resistência — uma perspectiva também explorada por bell hooks.

Na atualidade, junto às políticas públicas de ações afirmativas e à ampliação dos debates sobre raça e racismo, a moda nos serve como um importante espaço de produção discursiva e passa também a ser compreendida como campo de ativismo e de expressão identitária. No texto intitulado “Uma estética da negritude: estranha e opositiva”, bell hooks afirma que a estética é mais um dos recursos importantes para o ativismo político e a construção de práticas de resistência (Barreto, 2022, p. 30-31).

Dentre essas práticas, uma das formas mais expressivas de resistência adotadas pelas mulheres negras é a valorização de seus cabelos naturais e penteados afrocentrados, como o uso de tranças. Essa reafirmação estética, ao valorizar a textura natural do cabelo e adotar penteados afro, estabelece uma conexão direta com a ancestralidade e representa uma forma potente de afirmação identitária. Ao optarem por manter seus cabelos naturais ou adotar tranças, mesmo diante de pressões e discriminações, mulheres negras realizam um dos atos mais significativos de resistência cotidiana. Isso ocorre porque, em razão dos padrões estéticos hegemônicos, cabelos crespos,

cacheados ou penteados afro ainda são alvo de estigmatização na sociedade, resultando em episódios de preconceito e até de violência.

Esse apontamento dialoga com o que Sousa e Silva (2023) apresentam em seu artigo:

Desde a infância, a população negra, mais designadamente as mulheres, se veem na obrigação de cuidar do corpo e do cabelo para ingressarem na escola, no mercado de trabalho, entre outros espaços sociais. Essa atenção para esse quesito, muitas vezes, revela noções e padrões de beleza que são habilmente pautados na discriminação racial. Nesse sentido, o corpo e o cabelo são os principais elementos do processo de inferiorização e estereotipagem, e ao mesmo tempo esses dois elementos estéticos se tornam símbolos da identidade negra (Sousa; Silva, 2023, p. 5-6).

Podem ser observados diversos casos na internet de violências sofridas por mulheres negras ao escolherem abraçar sua ancestralidade. Dentre eles, trago um caso recente. Segundo o relato compartilhado na página *Africanize* em um post do instagram, um exemplo emblemático é o caso da alagoana Gabriela Barros, de 21 anos, que foi demitida após se recusar a retirar suas tranças. Segundo o relato, sua chefe afirmou que o penteado e a aparência de Gabriela não se encaixavam no perfil social da empresa, justificando assim sua dispensa (Barros, 2025). Situações como essa ilustram como o racismo estético ainda persiste em diversos espaços institucionais, especialmente no mercado de trabalho, onde o cabelo crespo e o uso de tranças muitas vezes são vistos como incompatíveis com os padrões normativos.

Dessa forma, a moda deixa de ser apenas um recurso estético para se tornar um instrumento potente de linguagem política, resistência e afirmação identitária. Para muitas mulheres negras, vestir-se é um ato de enfrentamento cotidiano às violências simbólicas e estruturais do racismo. Nesse processo, as redes sociais também desempenham um papel fundamental, ao permitir que mulheres negras ocupem espaços de visibilidade e construam novas referências de beleza e estilo, rompendo com os padrões impostos pela branquitude. Assim, ao utilizar a moda como território de resistência, essas mulheres ressignificam seus corpos, suas histórias e suas formas de estar no mundo, transformando a estética em uma ferramenta de transformação social.

2.2 Referências culturais e ancestralidade na forma de vestir

Fazer o resgate da cultura negra e da ancestralidade é fundamental para a construção da moda afro-brasileira e para a conscientização da negritude. No entanto, como aponta a autora do livro *Modativismo*, nem toda pessoa negra, apenas por ser negra, produz moda afro-brasileira. Para isso, é necessário que ela tenha vivências com outros grupos culturais, e que essas influências se manifestem ao longo de sua vivência.

Mas será que toda pessoa negra produz moda afro-brasileira? Não necessariamente! Uma vez que a construção da consciência de negritude passa tanto pelas nossas experiências subjetivas como pelos aspectos sociais e culturais, nosso fenótipo sozinho não é capaz de nos fazer entender a nossa etnicidade e ancestralidade. O acesso ao conhecimento científico e às práticas das culturas africanas e afro-brasileiras, na sua amplitude e complexidade, depende da geração, da origem, da escolarização, da experiência religiosa e de outras vivências de uma designer. Esse conhecimento — ou falta dele — incide sobre o nosso traço e permite que esses parâmetros estéticos se manifestem em nossas criações (Barreto, 2022, p. 36).

Esse resgate é importante para que não sigam apenas reproduzindo o que a colonização nos deixou e aprendamos a nos questionar se aquilo de fato é algo que queremos usar ou estamos apenas reproduzindo e tentando nos mascarar diante da sociedade. A cultura afro é rica e cheia de vida e por isso fazer esse resgate é importante culturalmente e socialmente falando pois se torna uma forma de resistir e re-vestir.

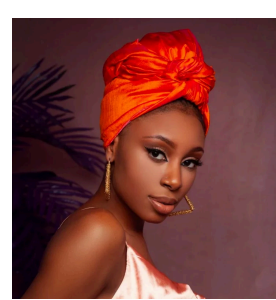
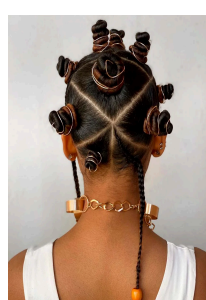
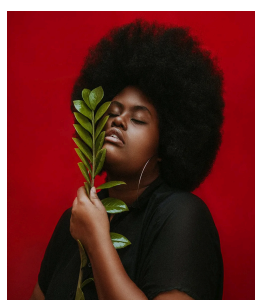
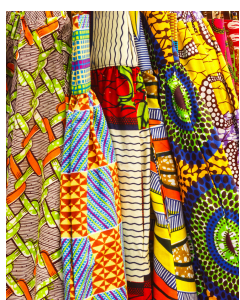
Percebi que um dos principais elementos dos quais a colonização me privou foi a autonomia ética e estética, me fazendo internalizar os rituais sociais e os parâmetros de status da branquitude, que determinavam momentos específicos para usar esta ou aquela roupa, compondo extensos manuais de certo e errado (Barreto, 2022, p. 29).

A autora acredita que compreender o contexto da moda para mulheres negra faz com que possa expandir o entendimento do que é moda e, com isso, perceber que as roupas e o ato de se vestir podem ser compreendidos por uma ótica diferente daquela estabelecida como padrão pelo Ocidente (Barretos, 2022, p. 29). Essa conscientização fortalece o sentimento de pertencimento e

orgulho, contribuindo para que mulheres negras não sintam vergonha de seus traços, de suas origens ou de sua cultura ao resgatar e valorizar referências afrocentradas.

Ao falar de ancestralidade e cultura, é imprescindível destacar os elementos simbólicos que compõem essa estética. As roupas, por exemplo, utilizam tecidos com cores vibrantes e padronagens diversas — cada tonalidade e cada estampa carrega um significado ancestral e espiritual. Os cabelos naturais e seus penteados (Figuras 6, 7, 8 e 9) — como tranças, *bantuknots* e o *black power* — são símbolos de resistência, memória e identidade como afirma Gomes (2002). Já os acessórios, como turbantes, expressam histórias, religiosidades e saberes herdados de geração em geração. Esses elementos não apenas comunicam beleza, mas também atuam como ferramentas políticas de afirmação e orgulho da identidade negra.

Figura 6: Tecidos. Figura 7: Black Power. Figura 8: Bantu Knots. Figura 9: Turbante.



FONTE: Site Casa das Kapulanas. Disponível em: <https://www.casadaskapulanas.com.br/tecidos-e-estampas-africanas-uma-jornada-cultural?srsltid=AfmBOoqiYNHxRLAt6SfgdLqy9RweOJhPzWobeJ1nUnO77nYKltrE1cNW>. Acesso em: 07 de Setembro de 2025.

FONTE: Site Gshow. Disponível em: <https://gshow.globo.com/comportamento/moda/noticia/cabelo-black-power-um-simbolo-de-identidade-e-resistencia.ghtml> Acesso em: 07 de Setembro de 2025.

FONTE: Site StealTheLook. Disponível em: <https://stealthelook.com.br/a-historia-do-bantu-knots-e-como-fazer-em-casa/#:~:text=Se%20o%20seu%20objetivo%20com,tamb%C3%A9m%20trazer%20brilho%20aos%20fi> os. Acesso em: 07 de Setembro de 2025.

FONTE: Site Casa de Cultura Da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/turbante-historia-significado-e-como-utilizar/>. Acesso em: 07 de Setembro de 2025.

Diversas designers vêm promovendo o resgate da moda afro-brasileira por meio de abordagens distintas, uma vez que a estética afrocentrada não é homogênea. Pelo contrário, ela é marcada por uma pluralidade de linguagens visuais que variam de acordo com experiências regionais, urbanas, religiosas e periféricas. Um exemplo significativo é a designer Naya Violeta, que fundou seu ateliê em 2007 ao identificar a demanda por uma moda afrocentrada representativa. Segundo ela (Naya Violeta, 2025), sua marca surge como resposta a essa lacuna, reconhecendo e valorizando a ancestralidade, a estética e as múltiplas expressões culturais afro-brasileiras como pilares de seu processo criativo (Naya Violeta, 2025).

Outro nome importante nesse cenário é a designer Isa Silva, que também introduz referências afrocentradas em suas criações. Por meio de elementos simbólicos ligados à religiosidade de matriz africana, Isa Silva insere em suas peças palavras de encorajamento e estampas que remetem à estética e ao universo visual da cultura afro-brasileira, usando a moda como ferramenta de afirmação identitária, linguagem de resistência e caminho para a valorização das narrativas negras, indígenas, trans e periféricas (Amafro, 2025).

Também não podemos deixar de mencionar Jal Vieira, uma estilista brasileira que, segundo a revista CLAUDIA (2022), é um dos nomes mais relevantes da moda brasileira atual. Jal é mentora do projeto *O Poder é Nosso*, da Marvel, que visa auxiliar jovens artistas negros. Além disso, desenvolve uma moda profundamente conectada à ancestralidade africana e às questões sociais. Suas coleções questionam padrões de gênero e de beleza, trazendo elementos da cultura afro-brasileira com forte identidade política e estética (CLAUDIA, 2022).

Compreendemos, portanto, a importância que o resgate cultural e ancestral exerce na construção identitária das mulheres negras, promovendo o acolhimento de seus traços, origens, valores e posicionamento político. No entanto, apesar de sua potência, é preciso refletir sobre como essa valorização da estética afrocentrada pode, em determinadas situações, se transformar em um novo modelo de cobrança, dificultando a construção de uma identidade verdadeiramente livre e individual.

2.3 Estética afrocentrada: liberdade ou obrigação estética?

Consumir moda afrocentrada e se limitar apenas a ela são questões distintas. Muitas mulheres encontram na moda afrocentrada o refúgio que sempre buscaram, mas, por medo de sofrer preconceito em outras vertentes da moda, acabam nem cogitando outros estilos. Em alguns casos, pode haver até uma imposição de que elas devem consumir somente a moda afrocentrada e suas vertentes. Essa imposição surge quando lhes dizem que determinado estilo é coisa de branco e, por isso, não fica bem nelas, reforçando a ideia de que deveriam seguir apenas uma única linha estética. Devemos entender a importância da moda afrocentrada, mas também compreender que mulheres negras são plurais e não precisam se limitar a um estilo específico — ou a um estilo que dizem ser de mulher preta. Elas podem explorar suas singularidades e entender qual estilo realmente as representa.

Como dito na seção anterior, o resgate da moda afrocentrada é importante para que essas mulheres não sigam apenas reproduzindo o que a colonização deixou, mas sim aprendam a questionar se aquilo é de fato algo que querem usar ou se estão apenas reproduzindo algo socialmente imposto.

Essas mulheres, muitas vezes, ao fazerem o resgate de sua cultura, acabam se deparando com limitações impostas muitas das vezes não apenas por pessoas brancas mas também pela própria comunidade negra, que por vezes associa o consumo de outros estilos à negação da cultura. Mas nem sempre é isso — muitas vezes é apenas uma mulher negra querendo explorar sua singularidade.

Na Internet, vemos algumas influenciadoras e criadoras de conteúdo de moda para meninas pretas trazendo essa pauta, onde essas influenciadoras e criadoras de conteúdo têm problematizado a ideia de que existe uma única forma correta de ser ou vestir-se como mulher negra.

A influenciadora digital Carol Soares, de 25 anos, é um exemplo importante dentro desse debate. Com mais de um milhão de seguidores nas

redes sociais, Carol se destaca por compartilhar conteúdos de moda e beleza voltados para mulheres negras. Ela mostra com frequência os diversos penteados que faz em seu cabelo crespo, além de explorar estilos variados em seus *looks*.

Recentemente, Carol Soares fez um desabafo em suas redes sociais sobre como muitas mulheres negras se sentem pressionadas a seguir exclusivamente uma estética afrocentrada, como se essa fosse a única forma de se vestir sendo uma mulher preta. Ela reforça a importância de não se limitar a um único estilo e incentiva outras mulheres negras a explorarem diferentes formas de expressão — inclusive aquelas estéticas que são, muitas vezes, associadas a mulheres brancas (Eucarolsoares_, 2025).

No vídeo em questão, Carol fala sobre o cansaço de estar constantemente sendo rotulada e invalidada, seja por seu estilo ou até mesmo pelas músicas que escuta. Ela afirma que mulheres negras podem — e devem — usar o que quiserem. Como influenciadora, já enfrentou críticas e ataques por adotar a chamada estética coquete, uma tendência estética inspirada na feminilidade romântica e delicada, marcada por cores suaves (como rosa), laços, babados, maquiagem leve e elementos considerados fofos. Essa estética tem sido amplamente associada à branquitude nas redes sociais, e muitas vezes é colocada como algo não pertencente às mulheres negras (Eucarolsoares_, 2025).

Carol contesta essa ideia e defende que mulheres negras também podem se identificar com esse estilo — e com qualquer outro — sem que isso seja visto como uma tentativa de embranquecimento ou negação de sua identidade. Para ela, é fundamental que mulheres negras ocupem cada vez mais espaços na moda que ditam não ser para mulheres negras, para, justamente, que essa separação do que é ou não é para mulher preta deixe de existir (Eucarolsoares_, 2025).

Ao final do vídeo, Carol resume seu pensamento ao dizer que a verdadeira graça de ser uma mulher negra deveria ser justamente a liberdade de fazer e vestir o que quiser, sem rótulos, sem imposições e sem essa divisão

que ainda persiste tanto fora quanto dentro da comunidade negra (Eucarolsoares_, 2025).

A influenciadora Carina Soares, de 21 anos, irmã de Carol Soares, também gravou um vídeo sobre esse assunto, pois teve sua negritude questionada ao aparecer em um conteúdo com a irmã. Nesse vídeo, que citava cantores variados, elas demonstraram um gosto musical diferente do esperado apenas por serem negras (Eucarinalsoaress, 2025).

No vídeo intitulado *Negritude e os Rótulos*, Carina Soares debate o tema e questiona a necessidade de colocarem pessoas negras dentro de uma caixinha. Carina afirma em seu vídeo que não é de hoje que tentam limitar o que pessoas pretas podem usar ou os lugares que podem ocupar, mas que isso tem se intensificado cada vez mais na internet (Eucarinalsoaress, 2025).

Carina cresceu na internet mostrando os cuidados que tinha com o cabelo e também com suas roupas, sempre explorando diferentes estilos. Ela relata que, por não seguir os padrões esperados para uma mulher negra, frequentemente escutava que estava tentando ser algo que não era, ou que aquele estilo não combinava com ela, e que deveria adotar algum estilo dito para mulher negra. Esse tipo de ataque preconceituoso foi direcionado tanto a ela quanto à sua irmã Carol, por pessoas brancas e também por pessoas negras, o que evidencia como o racismo estrutural opera na manutenção de estereótipos e na limitação das possibilidades estéticas das mulheres negras, atravessando diferentes grupos sociais e reproduzindo normas que restringem sua liberdade de expressão.

No vídeo, Carina também conta como foi a decisão de alisar o seu cabelo cacheado. Ela explica que, embora sempre tivesse gostado de seus cachos, ao passar da adolescência para a vida adulta percebeu que preferia o cabelo liso. No entanto, adiou essa escolha diversas vezes, questionando-se sobre o impacto que causaria, pois sabia que sua negritude seria colocada em dúvida. Carina finaliza o vídeo afirmando que gosta do cabelo alisado atualmente e que, caso no futuro queira voltar aos cachos, o fará, pois ela sempre pode mudar. Ela destaca que continuará explorando outras

possibilidades em seu estilo, sendo uma pessoa eclética e que gosta disso (Eucarinalsoaress, 2025).

Bárbara Gomes, influenciadora digital de 23 anos, recentemente também trouxe essa discussão em um vídeo intitulado: *Você Se Sente Negrona de Menos?* (Gomes, 2025). No vídeo, ela relata que abriu uma caixa de perguntas no Instagram para que suas seguidoras compartilhassem situações em que se sentiram negronas de menos. Essa expressão surgiu na internet, sem uma origem claramente identificada, mas é utilizada para nomear comportamentos ou escolhas de mulheres negras que, segundo determinadas expectativas sociais e padrões, as fariam ser percebidas como menos negras.

Desde o início do vídeo, ela já pontua que esse termo a incomoda muito, pois reforça expectativas e padrões impostos sobre meninas negras, que vão muito além de estilo, gostos musicais ou comportamento social. Barbara argumenta que, quando você é uma menina preta, parece haver a exigência de um estilo específico; e, quando não se segue esse padrão ou as expectativas criadas, essas meninas são descredibilizadas, chegando até a serem consideradas menos pretas por isso (Gomes, 2025).

No vídeo, Barbara afirma que, mesmo no momento atual em que as mulheres negras estão conquistando mais liberdade para se expressar, ainda caem em padrões de rotulação, muitas vezes impostos dentro da própria comunidade. São garotas pretas dizendo a outras o que elas devem ou não fazer. Barbara ressalta que entende como muitos de nossos gostos são moldados por padrões padronizados e doutrinados por artistas brancos, mas defende a importância de desenvolver senso crítico para questionar se aquilo que consumimos — seja vestir, escutar ou praticar — é realmente nossa escolha ou apenas uma tentativa de se encaixar dentro de algum grupo. Finalizando, ela compartilha uma experiência pessoal, que em certos ambientes, sente-se podada ao revelar seus gostos, pois teme ser criticada por não corresponder ao que esperam de uma garota negra (Barbgomexx, 2025).

Outra influenciadora digital, conhecida como Paloma Barbiezinha, também contribuiu para o debate em um vídeo no qual questiona por que as

pessoas agem como se mulheres pretas só pudessem ser afropatys³ ou negas doce⁴ (Palomabarbiezinha, 2025). Paloma tem um estilo único, com dreads coloridos que acompanham seu visual supercolorido. Essa estética está presente não apenas em seu modo de se vestir, mas também na decoração da sua casa e em acessórios do dia a dia, desde sua bicicleta de passeio até a torneira rosa do banheiro (Palomabarbiezinha, 2025).

Em seu vídeo, Paloma questiona: onde ficam as negronas *otakus*⁵, que curtem *k-pop* e moda alternativa? Onde estão as que gostam de moda *kawaii*⁶ ou as que não perdem uma partida de videogame, fugindo completamente do estereótipo? (Palomabarbiezinha, 2025). Ela afirma não ver problema em ser afropaty ou nega doce, já que esses estilos são fundamentais para a autoestima de muitas mulheres pretas. O que a fere, segundo ela, é perceber que, quando fogem desse padrão, essas mulheres recebem o rótulo de esquisitas, como se não houvesse espaço para outras formas de ser (Palomabarbiezinha, 2025).

Paloma compartilha ainda sua experiência quando adolescente ao ir a um encontro de otakus pela primeira vez e perceber que havia outras meninas negras apaixonadas por esse universo. Nesse momento, deixou de se sentir estranha ou diferente e compreendeu que estava entre as suas, o que, por si só, já demonstra que meninas negras podem amar a cultura pop asiática e que não existe lugar errado para uma mulher preta estar, desde que aquilo faça seu coração vibrar. Paloma encerra o vídeo reforçando que não existe apenas uma ou duas formas de se expressar, e que a maneira como meninas negras

³ Afropaty: É uma estética adotada por meninas negras que gostam da estética patricinha, mas que muitas vezes não se sentiam incluídas nela por causa de seus traços. Por isso, esse estilo busca valorizar a beleza negra e tudo que ela representa. A personalidade de quem segue o Afropaty é de uma patricinha preta, sendo aquela menina super vaidosa, sempre arrumada e que adora um rolê mais calmo e sofisticado tal como um restaurante.

⁴ Nega Doce: A estética Nega Doce é um termo que surgiu na internet e vai além do estilo também, abrangendo características pessoais dessas meninas. O visual Nega Doce é trabalhado no *streetwear*, inspirado nos anos 90 e 2000, enquanto a personalidade dessas meninas é aquela nega que intimidada de longe, mas é firmeza ao falar, topa todo tipo de rolê e sempre está com *looks* estilosos.

⁵ Otaku: O termo surgiu no Japão para denominar pessoas que têm grande interesse pela cultura pop japonesa, especialmente por animes (desenhos japoneses), mangás (quadrinhos) e, muitas vezes, jogos, moda e música japonesa.

⁶ Kawaii: O termo *kawaii* vem do japonês e significa “fofo” ou “adorável”. A moda *kawaii* é um estilo originado no Japão que valoriza roupas e acessórios de aparência delicada, com cores suaves, laços, babados e elementos lúdicos, expressando criatividade e autoexpressão fora dos padrões tradicionais de beleza.

escolhem existir no mundo, mesmo fora dos padrões, é tão válida quanto qualquer outra (Palomabarbiezinha, 2025).

E podemos também citar a influenciadora digital Trixie Mendes, uma mulher negra que se destaca por adotar um estilo alternativo conhecido como *gyaru* — uma estética originada no Japão que valoriza visuais ousados, coloridos e expressivos, desafiando os padrões tradicionais de beleza.

Em um de seus vídeos (trixxiemendes_, 2025), Trixie aborda duas estéticas populares entre mulheres negras, a afropaty e a *baddie*⁷, destacando como ambas podem funcionar como ferramentas de empoderamento e fortalecimento da autoestima. No entanto, ela também compartilha que, em alguns momentos, sentiu-se pressionada a escolher entre uma ou outra, como se houvesse uma única forma aceitável de ser mulher negra na moda (trixxiemendes_, 2025).

Trixie reforça a importância de experimentar e de se permitir seguir estéticas diversas, mesmo diante dos estigmas e das limitações impostas, muitas vezes, pela própria comunidade negra. Seu posicionamento incentiva mulheres negras a explorarem estilos com os quais realmente se identificam, rompendo com os rótulos e expectativas que podem restringir sua liberdade de expressão visual por mais difícil que seja (trixxiemendes_, 2025).

⁷ Baddie: Originado das subculturas urbanas dos anos 90 e 2000 e do hip-hop, esse estilo se destaca por uma combinação de peças de roupas, acessórios e maquiagem forte. Sendo bastante utilizado calças largas, cropped, camisas largas, brincos grandes e maquiagens elaboradas em tons neutros.

3. ESTUDOS DE CASO: OS CONFLITOS INTERNOS DA REPRESENTATIVIDADE E A PRESSÃO ESTÉTICA.

Os relatos reunidos e analisados neste capítulo têm como objetivo dar visibilidade às experiências e percepções de mulheres negras jovens, entre 18 e 27 anos, sobre os desafios enfrentados ao construírem suas identidades estéticas. A pesquisa se baseia tanto em entrevistas realizadas especificamente para este trabalho quanto em narrativas coletadas em redes sociais e podcasts.

Ao trazer esses relatos, busca-se compreender como o racismo estrutural e a pressão estética se manifestam de maneira concreta na vida cotidiana dessas mulheres, revelando não apenas situações de exclusão ou preconceito, mas também estratégias de resistência, afirmação e ressignificação da identidade. Essas falas expõem os conflitos internos gerados pelas expectativas externas que muitas vezes limitam a liberdade estética e o direito de experimentação da mulher negra.

Dessa maneira, este capítulo se propõe a analisar as contradições presentes no processo de reafirmação como mulher negra, discutindo de que forma essas vivências impactam a autoestima, as escolhas de estilo e a percepção de representatividade nas mídias. Mais do que registrar experiências individuais, esses estudos de caso contribuem para ampliar a compreensão sobre a pluralidade das formas de existir e se expressar dentro da moda.

Por fim, será feita uma análise em relação à pesquisa desenvolvida até o momento, com base nas respostas obtidas por meio do formulário aplicado às participantes. O formulário, criado no Google Forms⁸, foi enviado individualmente a oito mulheres negras, todas dentro da faixa etária de 18 a 27 anos, conforme definido nesta pesquisa⁹. O formulário contém sete perguntas, que serão apresentadas ao longo do texto, conforme o desenvolvimento da análise, ele também estará disponível nos anexos da pesquisa.

⁸ Link do questionário completo: <https://forms.gle/zbGQzBdBVRaTSQA16>.

⁹ O questionário da pesquisa foi aprovado pelo Conselho de Ética da Ufg seguindo todas as diretrizes.

Em uma das perguntas do formulário, foi questionado diretamente se o preconceito já havia impactado a forma de vestir das participantes ou as levado a mudar de estilo por não se sentirem seguras em assumir determinada estética. Além dos medos de julgamento, algumas relataram também o medo da violência, o que se tornou um dos fatores para não conseguirem definir seus estilos até hoje. Uma participante, por exemplo, mencionou que já teve vontade de usar tranças, mas se recusou a isso por receio de intensificar os preconceitos já vivenciados. Outra participante relata que devido ao racismo sofrido quando mais nova, mudou seu cabelo e seu estilo em busca de se encaixar. O medo de sofrer diante da sociedade fez com que muitas dessas mulheres anulassem suas vontades e seu estilo, moldando-se a um padrão excludente e branco como Carol Barreto relata em seu livro:

Como já discutimos, para mulheres negras a moda carrega historicamente de significado de exclusão e subalternidade e produção de estereótipos. Por muito tempo as escolhas visuais para nós foram um meio de construção de identidade, uma forma de concretizar a passabilidade branca e de se moldar estrategicamente ao padrão imposto pela violência racista. Numa sociedade que reproduz o "preconceito de marca", termo cunhado por Oracy Nogueira no início do século xx, a passabilidade branca se tornou um imperativo na condução de diversas escolhas, entre elas a definição da religião ou das práticas de espiritualidade, mas também o modo de se vestir e agir em público. (Barreto, 2022, p. 30)

Em uma das outras perguntas, foi questionado se as participantes já sentiram que os traços físicos foram vistos como incompatíveis com algum estilo que gostariam de usar, ou se o estilo delas foi julgado por não corresponder às expectativas do que deveria ser uma mulher negra. Essa questão foi elaborada ao lermos os relatos das influenciadoras negras que trouxemos anteriormente.

Como discutido na seção anterior, muitas dessas influenciadoras relataram ter sofrido comentários preconceituosos ao adotar estéticas que a sociedade costuma definir como não destinadas a mulheres negras. Entre os exemplos trazidos, podemos destacar Carol Soares e Carina Soares, que contaram sobre os comentários inadequados que recebem sempre que utilizam a estética *coquette* ou elementos considerados pertencentes unicamente a pessoas brancas. Carina Soares, em especial, relatou ter enfrentado críticas

dentro da própria comunidade negra após alisar o cabelo, sendo acusada de negar suas origens.

Seguindo para os relatos reunidos no questionário através dessa pergunta, uma de nossas entrevistadas, que também é influenciadora digital, apontou que, ao se vestir de forma mais delicada, recebeu um comentário na plataforma TikTok de alguém afirmando que o estilo *coquette* não combinava com mulheres negras. Outra participante também evidencia como esse tipo de comentário contribui para reforçar esse bloqueio em sua vivência:

Sim! Um estilo mais fofo sempre recebo alguns comentários como 'não combina com o seu tom'. É de grande chateação que as pessoas tenham essa ideia sobre as coisas, então acaba me deixando desapontada (Entrevistada 4¹⁰).

Uma de nossas outras perguntas no questionário foi diretamente sobre o racismo e se isso já impactou ou ainda impacta as entrevistadas na construção de suas identidades, seja na forma de vestir, de agir ou de se expressar. Como aponta Carol Barreto em seu livro, em busca da passabilidade branca, muitas mulheres negras acabam tornando essa busca uma definição predominante em suas escolhas, seja na religião, no modo de vestir ou no comportamento em público (Barreto, 2022, p.30).

Das respostas reunidas, podemos destacar algumas:

Na adolescência comecei a usar roupas largas para esconder meu corpo, parei de usar maquiagem para não chamar atenção para os meus traços e alisei o cabelo. Eu neguei por muito tempo quem eu era, só me desprendi quando comecei a ler mais e dessa forma fui sendo mais crítica em relação a deixar de ser e existir por conta do racismo. O racismo ele destrói tudo que você é e tudo que você acredita. Às vezes, com muita leitura e uma base de afeto dá para reverter algumas situações (Entrevistada 1).

Sim, antigamente, quando era pequena me chamavam de negra do cabelo duro, eu sofri muito racismo pela cor da minha pele e não sabia me defender, mas hoje em dia ainda sofro racismo pela forma que as pessoas me olham, mas não me afeta a sua opinião (Entrevistada 2).

Sim, as consequências do racismo às vezes criam raízes até mesmo nas nossas mentes, no começo da minha caminhada eu também já

¹⁰ As participantes do questionário serão identificadas ao longo do texto como *Entrevistada 1*, *Entrevistada 2*, *Entrevistada 3* e assim por diante, a fim de preservar sua identidade e garantir o caráter ético da pesquisa.

me peguei criando estereótipos para mim mesma ,mesmo sem nem ter experimentado o estilo eu já achava que não ficaria bom em mim por ser dito como “estilo de branco” (Entrevistada 5).

Um dos pontos importantes que podemos observar na fala da Entrevistada 1 é a menção à importância do afeto na construção da identidade e na superação do racismo. bell hooks (Bastone, 2022, p. 5) também enfatiza essa questão, ressaltando o papel das relações interpessoais entre mulheres negras como fundamentais para a sobrevivência e o apoio mútuo em uma sociedade racista. A autora destaca ainda a troca de ensinamentos entre mãe e filha, apontando a mãe como figura central nesse processo de empoderamento e transmissão de saberes vividos.

Outra questão bastante recorrente observada nas falas destacadas foi sobre as características físicas. Duas das entrevistadas relataram ter deixado de usar certos acessórios ou de experimentar estilos por causa de suas características físicas. Esse auto-ódio em relação às nossas características negras é algo promovido pelo racismo e, por isso, bell hooks afirma que amar a negritude é um ato revolucionário, especialmente diante de uma sociedade que prega um padrão branco de beleza, com traços que fogem completamente dos nossos (Bastone, 2022, p. 3).

Seguindo o eixo da representação e de suas características, perguntamos se, dentro da moda, elas se sentiam representadas e, caso sim, por quais pessoas. Um dado interessante é que a maioria das entrevistadas citaram as mesmas figuras públicas; entre elas, um nome bastante recorrente foi o de Taís Araújo.

Podemos então correlacionar uma fala da atriz no podcast *Mano a Mano*, em que ela reflete sobre a evolução das mídias televisivas e o avanço na representatividade. Taís afirma que hoje conseguimos ver e ter mais referências negras nas telas, resultado das demandas de mulheres negras que estão cansadas da sub-representação. No entanto, ela critica o fato de o cinema brasileiro ainda ser uma vergonha para as mulheres negras, por continuar sendo majoritariamente dirigido por homens brancos. Segundo a atriz, mesmo que haja produções negras desde a década de 1990, ainda faltam histórias contadas por mulheres negras (Araújo; Ramos, 2021).

Taís também ressalta que as mulheres negras são múltiplas e, embora exista um ponto de encontro que une todas as pessoas negras, é preciso reconhecer as diferentes interseccionalidades que atravessam a vivência das mulheres negras e levá-las para as telas (Araújo; Ramos, 2021).

A crítica de Taís Araújo dialoga com o que Bastone apresenta ao discutir, a partir das obras de bell hooks (2022), a ausência de vozes femininas negras no cinema.

Porém, essa revolução no cinema ainda não incluía as vozes das mulheres negras. Havia um contexto cinematográfico que negava o corpo da mulher negra, e as mulheres que despertavam o desejo eram as mulheres brancas. Ou seja, é impossível pensar raça sem pensar gênero. A maioria das mulheres não se sentia representada por figuras que não eram genuínas e, ainda assim, estereotipadas. Mesmo quando a representação das mulheres negras está presente nos filmes, nossos corpos e seres estão lá para servir – aprimorar e manter as mulheres brancas como objeto do olhar falocêntrico” (Bastone, 2022, p. 6).

Essa reflexão é fundamental, pois evidencia que, mesmo com os avanços na representatividade midiática, ainda há uma limitação simbólica e estrutural na forma como mulheres negras são vistas e lembradas. A dificuldade das entrevistadas em citar figuras públicas diferentes umas das outras demonstra como a visibilidade negra feminina permanece restrita a poucos nomes.

Essa reflexão nos trouxe à próxima pergunta do questionário, onde perguntamos o que elas consideravam importante para que a moda seja mais inclusiva para mulheres negras, considerando o cenário atual. Nesta etapa, muitas entrevistadas destacaram a necessidade de inserir mulheres negras de forma plural e consistente na mídia e nos processos de moda, o que dialoga com o que Cristiane Maria Medeiros (2023) aponta em seu livro *Favela é Moda*. No livro, Medeiros apresenta o projeto da agência de Júlio César, que surgiu após o idealizador perceber, em revistas, a ausência de corpos negros e a uniformidade dos padrões de beleza das modelos (Laia, 2023, p. 4).

Entre os pontos levantados pelas entrevistadas, destacam-se:

Parar de usar mulheres negras e suas produções apenas para campanhas, começar a pensar em um todo. No antes, durante e após. Não só representar em fotos ou na passarela, mas fazer

produtos que incluam essas mulheres em todos os setores que envolvem a moda (Entrevistada 1).

Deveria ter mais tema que abordam sobre mulheres negras na moda, ter mais entrevista, e também que as mulheres negras fossem mais valorizadas no mundo da moda (Entrevistada 2).

inserir pessoas negras em espaços que talvez elas nunca fossem (Entrevistada 4).

Mais espaços que nos acolham e que prestem atenção nas nossas necessidades verdadeiramente (Entrevistada 5).

Acredito que falta diversidade de pessoas negras na moda. Os perfis são quase sempre os mesmos, a mulher negra mais clara de traços mais eurocentrados. Falta mulheres indígenas e retintas (Entrevistada 7).

Essas percepções das entrevistadas reforçam que ainda existe uma carência no mercado em relação à inclusão da mulher negra nas mídias, e que essa inclusão na moda precisa ir além da visibilidade simbólica, exigindo uma transformação estrutural que considere as múltiplas identidades e corpos. A moda precisa se tornar mais inclusiva para essas mulheres, integrando diversidade e representatividade de forma efetiva e contínua, não apenas em campanhas ou aparições pontuais, mas também garantindo que mulheres negras ocupem cargos de destaque e espaços de decisão, trazendo assim representatividade para outras mulheres negras que observam do outro lado, inspirando e validando suas experiências e estilos.

Encaminhando-nos para o final do questionário, trouxemos uma das perguntas que nortearam grandes momentos desta pesquisa, questionando com qual estilo as entrevistadas se identificam atualmente e se já enfrentaram algum tipo de preconceito dentro da sociedade por serem mulheres negras e adotarem determinado estilo. Essa pergunta é fundamental para compreendermos a pluralidade das mulheres negras e como elas se inserem dentro de seus contextos sociais.

Das respostas obtidas, destacam-se algumas que se aprofundaram mais no debate proposto:

Eu não tenho um estilo definido, uso tudo o que eu gosto. Normalmente sofro preconceito quando estou usando roupa branca por causa da minha religião (Entrevistada 1).

Devido a carga horária de estudos, me identifico com um estudo mais prático. As vezes sinto que por andar “desarrumada” em certos lugares me gera um tipo de preconceito (Entrevistada 3).

Tenho um estilo muito próprio mas que muitos considerariam “estranho” ou “too much”. Já sim. (Entrevistada 4).

meu estilo não tem propriamente uma denominação porque uso de tudo, como me comunico e me expesso com o jeito que me visto já passei situações como olhares e até julgamento como se aquele estilo de roupa não fosse para pessoas como eu, e estava vestida com um estilo mais delicado e feminino, o que foi lido por algumas pessoas como se não fosse para mim (Entrevistada 5).

Apesar das diferenças entre os estilos relatados — alguns até mesmo considerados únicos e pessoais —, todas enfrentam a mesma questão: o racismo velado, que se manifesta por meio de olhares e julgamentos. Essas micro agressões são abordadas no artigo *Percepções de mulheres negras como vendedoras em lojas de luxo*, em que as autoras discutem como o racismo velado pode ser profundamente prejudicial, justamente por sua sutileza. Muitas vezes, essas mulheres não conseguem reagir, pois o preconceito se apresenta de maneira implícita, quase imperceptível, sendo frequentemente tratado pela sociedade como algo irrelevante (Araujo; Cerqueira, 2025).

O racismo velado corrói a autoestima e a saúde mental das mulheres negras, pois atua de dentro para fora. Por ser tão disfarçado, ele gera dúvidas e questionamentos em quem o sofre, levando-as a se perguntar se o que vivenciaram foi realmente racismo ou apenas algo da própria imaginação. Esse tipo de micro agressão fere profundamente, machucando de forma silenciosa e atingindo diretamente quem a vivencia

E assim, chegamos à última pergunta do questionário, que foi deixada como um espaço aberto para que, caso as participantes sentissem vontade de acrescentar algo ou compartilhar mais sobre suas vivências, tivessem um local seguro para se expressar.

A partir disso, obtivemos os seguintes depoimentos:

Aprende a me aceitar como sou, não importo mas como as pessoas me olham procuro me socializar com todos, mas se não querem falar falar comigo, não me importo deixo elas lá, e procuro conviver com

peessoas que me aceita como eu sou ,que não me deixam para baixo e nem me discriminam. (Entrevistada 1).

Acho que como todas as mulheres brancas, temos que nos identificar e ser representadas como elas. Isso ajuda e molda a personalidade desde as crianças até as mulheres (Entrevistada 2).

Depois que saí da adolescência parei de prestar muito atenção se me olhavam torto ou se eu estava passando por algo que gritasse preconceito, e mesmo sendo observadora nunca percebo olhares discriminatórios (que em algum momento deve ter tido) e menos ainda comentários racistas, minha reafirmação enquanto mulher preta foi usar realmente a moda como arma ao meu favor, por isso sinto que abracei tanto isso, que o jeito que me visto expressa, comunica e barra de verdade certos pensamentos, comportamento e comentários de terceiros, a moda realmente me blindou de muitas coisas (Entrevistada 3).

Não. Gosto de minha aparência e talvez por ser mais clara e ter traços mais eurocêntricos eu tenha sido menos alvo de certas situações de preconceito (Entrevistada 5).

Esses relatos evidenciam a importância de ter uma identidade firme e referências positivas na construção dela, para que o racismo não afete tudo aquilo que você é ou construiu até determinada fase da vida — como mostram as falas das entrevistadas 1 e 3. Esse ponto dialoga com o que a entrevistada 2 menciona sobre a necessidade de representações diversas, que sirvam como espelho desde a infância até a vida adulta, auxiliando na formação de uma identidade sólida.

A fala da entrevistada 5 também traz uma reflexão importante: ela reconhece que, por possuir pele mais clara e traços mais eurocêntricos, vivencia menos situações de preconceito. Sendo essa a representação das mulheres negras que, majoritariamente, vemos nas mídias. Por isso, é de suma importância que mulheres negras, em toda a sua pluralidade, encontrem espaço na mídia, para que mais mulheres negras diversas se identifiquem e possam construir também uma identidade firme, que não se abale com olhares ou comentários racistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses relatos demonstram como as mulheres negras enfrentam restrições simbólicas sobre quais estilos lhes cabem, sendo constantemente questionadas quando escolhem estéticas que não correspondem ao que a sociedade espera delas. No diálogo que Bastone (2022) estabelece a partir de bell hooks, observa-se que a representação racial cria fronteiras que negam a pluralidade das experiências negras, restringindo a liberdade estética e reforçando estereótipos.

Ao longo desta pesquisa, observou-se que as mulheres negras encontram barreiras ao criar e afirmar seus estilos. De um lado, há a moda afrocentrada, associada à valorização da ancestralidade; de outro, a moda considerada alternativa, geralmente vinculada à branquitude. Em ambos os caminhos, é necessário lidar com o racismo estrutural e as expectativas sociais que definem o que é visto como adequado para seus corpos e identidades. Assim, não existe um espaço plenamente seguro onde possam se expressar sem julgamentos.

As falas das entrevistadas revelam que o medo de serem julgadas ou sofrerem preconceito ainda orienta muitas de suas escolhas estéticas. Em diversas situações, a tentativa de se adequar ou passar despercebida aparece como uma forma de autoproteção. Essa postura dialoga com a teoria de Carol Barreto (2022), que discute como mulheres negras, ao buscarem inserção social, acabam moldando suas identidades segundo padrões da branquitude. Contudo, mesmo quando expressam seus gostos e individualidades, continuam sendo alvo de críticas e comentários racistas — evidenciando que o problema não está em suas escolhas, mas na estrutura racista que insiste em limitar sua liberdade estética e seu direito de existir plenamente.

A construção da identidade estética dessas mulheres é atravessada por fatores históricos, culturais e sociais profundamente enraizados no racismo estrutural. Como discutido ao longo da pesquisa, a indústria da moda e as mídias exercem papel significativo na formação de imaginários que perpetuam

padrões eurocentrados e limitam a representatividade negra. Fundamentada em autoras como bell hooks e Carol Barreto, esta análise evidencia que a moda, embora seja um espaço de expressão, também reproduz hierarquias raciais e estéticas que marginalizam corpos negros.

A pressão estética sobre as mulheres se torna ainda mais cruel quando direcionada às mulheres negras, pois se entrelaça às violências do racismo estrutural. Foi observado durante a pesquisa que mulheres negras são frequentemente retratadas de maneira secundária, servindo de apoio a personagens brancos ou sendo hipersexualizadas, raramente ocupando papéis de protagonismo na mídia televisiva. Essa ausência simbólica reflete a falta de referências positivas e de oportunidades de pertencimento que mulheres negras possam ter nas mídias. Além disso, a exclusão de corpos negros no mercado da moda, como apontado no livro *Favela é Moda* e nos relatos apresentados nesta pesquisa, reforça a necessidade de repensar as estruturas que sustentam esse sistema.

A partir da teoria de Carol Barreto (2022), também foi discutido o conceito de moda afetiva, uma moda criada por pessoas negras para pessoas negras, que resgata ancestralidade e afetividade. Essa prática atua como instrumento de cura e pertencimento, oferecendo um espaço seguro para explorar a ancestralidade. No entanto, observa-se que, em alguns casos, essa mesma estética pode se tornar uma nova forma de cobrança, limitando novamente a liberdade dessas mulheres ao associá-las a um único estilo dentro da moda.

Dessa forma, esta pesquisa amplia a discussão sobre a pluralidade estética das mulheres negras e problematiza as expectativas sociais que restringem suas possibilidades de existir, vestir e criar. A partir da escuta sensível das experiências relatadas, e de nossa pesquisa, compreende-se que a liberdade estética dessas mulheres é, ao mesmo tempo, um desafio imposto pela sociedade e uma poderosa ferramenta de resistência, afirmação e reconstrução identitária.

Por fim, este trabalho evidencia que a moda vai muito além da aparência e do vestir: ela é um espaço de construção de identidade, expressão e

resistência. Ao analisar como o racismo estrutural e a pressão estética interferem na liberdade de mulheres negras, tornou-se possível compreender que o vestir também é um ato político. Assim, reconhecer e valorizar a pluralidade estética negra não é apenas uma questão de representatividade, mas um passo essencial para desconstruir padrões excludentes e fortalecer novas narrativas de pertencimento. Que este estudo possa inspirar outras reflexões e práticas que contribuam para uma moda verdadeiramente inclusiva, onde todas as mulheres possam se expressar com liberdade, orgulho e autenticidade.

REFERÊNCIAS

AMAFRO. *MUNCAB recebe Isa Isaac Silva no 8.º encontro do projeto Porto dos Saberes*. Amafro, 2025. Disponível em:

https://www.amafro.org.br/muncab-recebe-isa-isaac-silva-no-8o-encontro-do-projeto-porto-dos-saberes/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 13 out. 2025.

ARAUJO, Luana Mendez; CERQUEIRA, Gustavo Luís Caribé. *Percepções de mulheres negras como vendedoras em lojas de luxo*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, São Paulo, v. 45, e273074, p. 1–21, jan./dez. 2025.

BARRETO, Carol. *Modativismo: quando a moda encontra a luta*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2022.

BARROS, Gabriela. *Tire essa trança hoje. Se for para ... [vídeo]*. Instagram: @gabriela.barroos (repost @africanizeoficial). 10 abr. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJ9tlspOcgS/>. Acesso em: 9 jun. 2025.

BASTONE, Petra. *Raça e representação no pensamento de bell hooks*. *Kalon – Revista de Filosofia*, Lavras, v. 19, n. 1, p.1-11, inverno 2022.

BROWN, Mano (apresentador). *Taís Araújo e Lázaro Ramos – Podcast Mano a Mano* [áudio]. Plataforma Spotify, 04 nov. 2021. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/5iGw8zMuwTg7NZaViHNdeU?si=9E-JM69-TUG_NV6tyJgSGQ. Acesso em: 13 out. 2025.

CECHIN, Michelle Brugnara Cruz; SILVA, Thaise da. *A boneca Barbie na cultura lúdica: brinquedo, infância e subjetivação*. *Revista Brasileira de Estudos da Infância*, v. 1, n. 1, p. 1–25, 2012.

GOMES, Barb. *A cultura do “negrona de menos” e o que eu acho sobre* [vídeo]. Tik Tok, perfil @barbgomex, 11 jun. 2025. Disponível em: <https://vt.tiktok.com/ZSyvdcgmY/>. Acesso em: 10 out. 2025.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: Reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, n. 21, p. 40–49, set./nov. 2002.

JACOB, Paula. *Jal Vieira: 'O meu trabalho é muito mais do que fazer roupas'*. Claudia, 8 set. 2022. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/moda/jal-vieira-o-meu-trabalho-e-muito-mais-do-que-fazer-roupas/>. Acesso em: 13 out. 2025.

LAIA, Cristiane Maria Medeiros. Favela é moda: Quando existências periféricas adentram o mundo da moda. *Revista Estudos em Artes, Moda e Design – REAMD*, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 01–15, fev./mai. 2023.

NARRATIVAFEMININA. *The disposable black girlfriend - A namorada negra descartável* [vídeo]. Tik Tok, 26 ago. 2025. Disponível em: <https://vt.tiktok.com/ZSy7ox5rB/>. Acesso em: 9 out. 2025.

NAYA VIOLETA. Ateliê Naya Violeta. Disponível em: <https://www.nayavioleta.com.br/>. Acesso em: 13 out. 2025.

PALOMABARBIEZINHA. *[Vídeo questionando porque as pessoas agem como se as negronas só pudessem ser afropatys ou negadoce]* [vídeo]. Instagram, 15 jul. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DMJIVoVuLi7/?igsh=YXltN2V2amp1b3R3>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PRESTA, Gustavo; SILVA, Ana Paula Maestri da; MYCZKOWSKI, Rafael Schultz. A Publicidade de moda como ferramenta para a desconstrução de padrões estéticos violentos e coercitivos no público feminino. *Revista Ambivalências*, São Cristóvão, v. 10, n. 19, p. 292–327, jan./jun. 2021.

SOARES, Carol. *Respondendo a M. porque eu sou negra eu tenho que escutar uma artista específica e usar apenas um tipo de estilo? Bora conversar sobre rótulos* [vídeo]. Tik Tok, perfil @eucarolsoaress, 12 mai. 2025. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMSAQ4tpW/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SOUSA, Marília Rosália Cordeiro Antas de; SILVA, Roseane Amorim da. Personagens negros(as) na literatura infantil afro-brasileira: reflexões sobre a construção da identidade de crianças negras. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 1–17, jan./jun. 2023.

TRIXXIEMENDES. Afropaty ou Baddie??? [vídeo]. *Tik Tok*, 22 janeiro 2024. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMSAQFU7C/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO

Racismo na moda e pressão estética.

Olá!

Meu nome é Shayeny, sou estudante de Design de Moda na UFG.

Este formulário faz parte do meu TCC, que tem como tema "**Racismo na moda e a pressão estética: a representatividade de mulheres negras e seus estilos de expressão.**"

Sua participação é muito importante e gostaria de poder contar com sua ajuda! As respostas são anônimas e utilizadas apenas para fins acadêmicos, conforme previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além deste formulário, será disponibilizado o TCLE para leitura e assinatura, garantindo que você esteja ciente dos objetivos, condições e da forma como os dados serão utilizados. Ao responder ao formulário, você também declara compreender que sua participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Todas as informações fornecidas serão tratadas de forma sigilosa e destinadas exclusivamente para fins desta pesquisa acadêmica.

Caso tenham alguma dúvida, sugestão ou queiram compartilhar alguma história, fiquem à vontade para entrar em contato pelo e-mail: shayeny_silva@discente.ufg.br.

TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é um documento com linguagem acessível que explica os detalhes da pesquisa (justificativa, objetivos, procedimentos, desconfortos, riscos, benefícios, etc), incluindo informações e garantias dos direitos dos/as participantes.

Este documento deve ser assinado pelas pesquisadoras e pelo grupo inscrito para que suas informações possam fazer parte da pesquisa e do mapa. Por isso, após envio dessa inscrição, a pesquisadora entrará em contato com o grupo para combinar a melhor forma de coletar a assinatura do documento, a depender das disponibilidades tecnológicas.

O documento final, assinado por ambas as partes, será enviado digitalmente, por e-mail, para que o grupo possa arquivar uma cópia.

Para ler o documento, acesse:

https://drive.google.com/file/d/1hrpQEuLMtd-qCAMF9cY03_rqRpj4bnO9/view?usp=sharing

1. Quantos anos você tem? *

2. Profissão? *

3. Cidade e estado onde mora? *

4. Com qual estilo você se identifica atualmente? Já enfrentou algum tipo de preconceito no meio da comunidade por ser negra e se utilizar desse estilo? *

5. Você acredita que o preconceito já impactou sua forma de se vestir ou te fez mudar de estilo por não se sentir segura sendo uma mulher preta na comunidade? *

6. Você já sentiu que seus traços físicos (como cabelo, tom de pele, formato do corpo ou do rosto) foram vistos como 'incompatíveis' com algum estilo que gostaria de usar? Ou que seu estilo foi julgado por não corresponder às expectativas do que 'deveria' ser uma mulher negra? Como isso te afetou? *

7. Você acredita que o racismo impacta ou já impactou na sua construção de identidade (ex; forma de vestir, pensar, agir)? *

8. No âmbito da moda, você se sente representada? Se sim, por quais pessoas? Justifique sua resposta. *

9. O que você considera importante para que a moda seja mais inclusiva para mulheres negras? *

10. Há algo mais que você gostaria de compartilhar sobre sua experiência com a moda, seu estilo pessoal, autoestima ou como lida com questões de preconceito e estereótipos em relação à sua aparência?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários